

## O PROCESSO DE ENSINAGEM NO GRAU SUPERIOR II

Luiz Carlos dos Santos

Volta-se à temática para acrescentar outros fatores importantes na discussão e análise do processo ensino-aprendizagem na educação superior. Quanto ao leque de opções, apresentado na primeira nota, visando reverter a problemática, agora acentuada com a avalanche de oferta de cursos de graduação no país, poder-se-ia pensar, também, em uma complementação pedagógica, nos moldes do curso Esquema I, lançado pelo Ministério da Educação (MEC), na década setenta do século passado, para os profissionais que atuavam no ensino médio da rede pública, porém, portadores de título de bacharel. Portanto, sem domínio do instrumental didático-pedagógico. Registre-se “nos moldes”, uma vez que o problema em análise refere-se à formação universitária para a docência no terceiro grau e não graduação para o ensino médio. Ou, ainda, por meio de cursos em nível de extensão, com sólida base pedagógica, onde cada instituição universitária capacitaria/qualificaria o seu corpo docente sem formação pedagógica.

Reforça-se a necessidade da formação pedagógica daqueles que se inclinam à docência, às vezes como complementação do seu orçamento, já que o mercado está farto, com tantas “escolas/faculdades”. A ênfase na aprendizagem como paradigma para o ensino superior pode alterar o papel dos participantes do processo: ao aprendiz cabe a função central de sujeito que exerce as ações necessárias para que aconteça sua aprendizagem, buscar as informações, trabalhá-las, produzir um conhecimento, adquirir habilidades, mudar atitudes e adquirir valores. Certamente, essas ações serão realizadas com outros participantes do processo: os professores e os colegas, pois a ensinagem não se faz isoladamente, mas em parceria, no contato com os outros e com o mundo. O professor terá substituído seu papel exclusivo de transmissor de informações para o de mediador pedagógico ou orientador do processo de aprendizagem do aluno. Nessa linha de raciocínio, cabe uma pergunta: Será que tenho a clareza para partilhar com meu aluno o conhecimento acumulado e toda a experiência vivida para que ele possa desenvolver-se?

Saliente-se que o reconhecimento da necessidade e preparação pedagógica do professor universitário deve dar-lhe suporte para fazer a leitura e elaborar um diagnóstico do nível e condições de seus alunos, bem como, conhecer as exigências da especificidade da disciplina/eixo temático que está sob sua responsabilidade para fazer uma opção metodológica vislumbrando seus alcances, limites e conseqüências.

O órgão central que regula a educação no país deve entender que o corpo docente de uma universidade/centro universitário/faculdade ou escola deverá ser formado por professores que se entendem primeiramente educadores, que assumem que a aprendizagem se constrói num relacionamento interpessoal dos alunos com os outros profissionais de sua área, dos alunos com os diferentes locais onde deverão exercer sua atividade profissional. Um quadro docente que assume seu papel de mediador pedagógico entre o conhecimento e seus alunos. Enfim, um corpo docente que entende ser feita a aprendizagem num ambiente de colaboração, participação dos alunos, com respeito mútuo e trabalho em conjunto. Pergunta-se: Sinceramente, o bacharel foi preparado esse *mister* pedagógico?

Dificilmente, o aluno incluirá a investigação em seu processo de aprendizagem se o professor também não o fizer em sua atividade de docente; isto é, se o professor não buscar a atualização de seus conhecimentos por meio de pesquisas, leituras, reflexões pessoais e de participação em congressos, produção de artigos e trabalhos que reflitam, as suas reflexões pessoais e contribuições que permitam um debate e uma crítica; isso tudo faz parte da docência preocupada com o processo como um todo, sem o tecnicismo exacerbado que campeia grande parte das instituições de ensino. Para que realmente aconteça, toda aprendizagem necessita ser significativa para o aprendiz, e isto quer dizer – precisa envolver o estudante como pessoa, como um todo: idéias, inteligência, sentimentos, cultura, profissão e sociedade.

Frise-se que, trabalhar com a motivação de aprendizes em qualquer idade, tempo e grau é exigência básica para que a formação continuada possa se efetivar, inclusive com os professores. É de Bolzan (2002) a afirmativa: “Só se aprende coisas novas quando se apercebe de que elas têm um interesse especial para cada um de nós”. Portanto, achar que no ensino universitário essas ponderações são dispensáveis, francamente “é não entender de processos educativos”. Seria mais ético e justo que o cidadão voltasse ao foco de seu curso de bacharelado - formar profissional para atuar como um “técnico” em determinada área do saber, ficando a tarefa de ensinagem para aquele que realmente entende da engrenagem do labor docente! Isso não significa dizer, necessariamente, que o bacharel não possa atuar produtivamente no ensino, desde que saiba preparar-se para o labor magisterial.

Finalmente, com essas notas, pretendeu-se contribuir para a formação de um indivíduo não apenas competente, mas também compromissado com a sociedade em que vive na melhoria da qualidade de vida do cidadão, compreendendo que “aprender a aprender” é o papel mais importante de qualquer instituição como agência formadora.